

QUANDO ENSINAR SE TORNA PROPÓSITO

Geíssa Martha Antunes Pereira¹

Aos 18 anos, eu achava que precisava sair de casa para me encontrar. Imaginava que precisava viver algo novo, ir para longe, mas, com o tempo, percebi que o que eu procurava sempre esteve mais perto do que pensei. Encontrei-me na escola, nos corredores barulhentos, nas vozes curiosas das crianças, no desafio de ensinar e, principalmente, de aprender junto com elas.

Ensinar nunca foi uma missão idealizada ou algo místico para mim. Foi uma escolha. Uma escolha consciente, que exige estudo, preparo, paciência, compromisso e, sim, uma boa dose de afeto. Porque a sala de aula não é um palco para heróis solitários, mas um espaço coletivo de construção, feito de histórias, escuta e relações.

Como disse Paulo Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. E é exatamente isso que a educação representa para mim: a oportunidade de criar possibilidades. Possibilidades de futuro, de compreensão, de pertencimento.

Minha relação com a educação começou antes mesmo de entender o que significava ser professora. Venho de uma família em que ensinar é algo comum não por tradição, mas por afinidade. Meus avós maternos foram professores. Dois dos três filhos deles também seguiram por esse caminho, inclusive minha mãe, que chegou a se formar em outra área, mas escolheu a alfabetização como profissão e paixão. Comigo, aconteceu de forma parecida.

Sou psicóloga e, neste ano, finalizo minha graduação em Pedagogia. Desde os primeiros períodos da Psicologia, já estagiava em escolas como monitora. Foi ali que me aproximei da Psicologia Escolar. Mais adiante, entre uma rotina e outra, decidi cursar também Pedagogia. Levei os dois cursos ao mesmo

¹ Psicóloga e pedagoga em Manhuaçu/MG.

tempo, enquanto trabalhava como professora de inglês. A escola sempre foi, de alguma forma, meu lugar de aprendizado, e não apenas dos alunos.

Hoje, trabalho com crianças com transtornos do neurodesenvolvimento. E nesse campo, o contato com a escola é essencial. Ter formações tanto na área da saúde quanto da educação me permite olhar o aluno de forma mais completa, mais humana. No entanto, mesmo com tantos avanços e debates sobre inclusão, ainda há um grande obstáculo: a falta de preparo das escolas para lidar com a diversidade.

Esse desafio ficou claro para mim quando trabalhei como professora em uma sala com seis crianças com demandas distintas. Durante um ano inteiro, recebi pouquíssima orientação, além de conviver com o relato constante da minha mãe sobre seus alunos e a dificuldade de incluí-los. Agora, na clínica, escuto com frequência relatos de mães que se sentem sozinhas, cansadas e sem direção quando o assunto é o desenvolvimento de seus filhos. Muitas nem sabem por onde começar a procurar ajuda.

Foi aí que surgiu uma pergunta que me acompanha até hoje: quem é responsável por preparar os profissionais da escola para lidar com crianças que têm necessidades específicas? A escola? O governo? As universidades? O próprio professor? Ou todos nós?

Essas inquietações me levaram a estudar mais, e já no mestrado, pesquisei a formação de professores para atuar com alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O mais comum é apontar o culpado, quando o que precisamos, na verdade, é de compromisso. Durante a pesquisa, busquei desenvolver um processo de formação e orientação junto às monitoras responsáveis pelo apoio às crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). No entanto, a proposta encontrou entraves significativos. As famílias mostraram-se resistentes ao contato, parte das monitoras interpretava as orientações como uma diminuição de suas funções práticas, e algumas professoras delegavam a mim a

expectativa de resolução imediata de todos os problemas comportamentais, sem assumirem corresponsabilidade no processo educativo. Essas dificuldades evidenciam o quanto o acolhimento ainda é frágil quando se trata da inclusão escolar de crianças com TEA. A responsabilização é frequentemente transferida entre diferentes atores, sem que haja um movimento coletivo de ação e compromisso. Essa fragmentação não apenas compromete a efetividade das estratégias de inclusão, mas, sobretudo, impacta diretamente as crianças, que acabam sendo excluídas de um espaço que deveria, por princípio, garantir acolhimento, desenvolvimento e participação plena. E infelizmente quem mais sofre com essa falta de ação são as crianças, que acabam sendo excluídas de um espaço que deveria acolhê-las.

Mesmo assim eu sigo acreditando no poder transformador da educação e esse percurso evidenciou que a mudança necessária exige não apenas conhecimento técnico, mas, sobretudo, corresponsabilidade e engajamento coletivo de todos os envolvidos no processo educativo. Acredito que uma escola verdadeiramente inclusiva tem o poder de transformar o ambiente, as relações e a sociedade. Como dizia Maria Montessori, “a primeira tarefa da educação é agitar a vida, mas deixá-la livre para se desenvolver”. A escola que escuta, que acolhe, que se adapta e que se responsabiliza é capaz de abrir caminhos que vão muito além dos conteúdos escolares: ela forma sujeitos mais conscientes, empáticos e capazes de viver em um mundo diverso.

E isso só acontece quando o professor também é respeitado, apoiado e formado continuamente, porque ensinar exige esforço, exige técnica, exige tempo e condições reais de trabalho. Não se trata de romantizar a profissão, mas de reconhecê-la com a seriedade que ela merece.

Quando olho para minha trajetória, vejo que não precisei ir longe para me encontrar, porque me reencontro todos os dias no que escolhi fazer. Cada criança que progride, cada gesto de inclusão que acontece, cada laço criado com uma família, tudo isso confirma que vale a pena continuar.

Foi assim que conheci o conceito de *Ikigai* (生き甲斐) — uma palavra japonesa que pode ser traduzida como “razão de viver” ou “razão para acordar todos os dias”. O *Ikigai* acontece quando encontramos o ponto de encontro entre:

1. Aquilo que amamos.
2. Aquilo que sabemos fazer bem.
3. Aquilo que o mundo precisa.
4. Aquilo pelo qual podemos ser pagos.

A docência, para mim, está exatamente nesse cruzamento. Não é um chamado, não é um dom — é uma escolha consciente, feita com os pés no chão e o olhar voltado para as pessoas. Para encerrar, gosto de lembrar uma frase de Cora Coralina, que diz: “feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.” Essa é, para mim, a beleza da educação: ela é uma via de mão dupla. Quando a gente ensina com afeto e com preparo, a gente também aprende, cresce, e se transforma. A educação transforma o outro, mas também nos transforma.

REFERÊNCIAS

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

MONTESORI, Maria. **Educar para um novo mundo**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2021.